

# A PRÁTICA EDUCATIVA EM ESPAÇO NÃO-FORMAL: REFLEXÕES SOBRE O RECANTO DA ESPERANÇA

## Autores

---

Marcia Aparecida Lima Vieira  
Ozanea Goncalves Santana

## Orientador

---

Marcia Aparecida Lima Vieira

## 1. Introdução

---

Na busca por consolidar a parceria da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SEMDES foi firmado um convênio em Março de 2002 entre o Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular - NEPEP e a referida Secretaria para o desenvolvimento de trabalhos educativos junto às Instituições: Recanto da Esperança, num trabalho com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e Casa do Morador de Rua. Neste artigo estaremos apresentando o trabalho desenvolvido no Recanto da Esperança.

Neste convênio as educadoras foram contratadas pela SEMDES, ficando sob responsabilidade do NEPEP, inicialmente a seleção, a capacitação e a realização semanal de reuniões de acompanhamento para a reflexão da e sobre a prática, orientação pedagógica na elaboração do planejamento das ações, encaminhamento de questões organizacionais do trabalho educativo, estudos teóricos que subsidiariam e, em médio prazo levariam a construção ou revisão do projeto educativo destas Instituições.

O Programa Sócio Educativo Recanto da Esperança, realiza trabalhos com crianças e adolescentes através de uma parceria entre Juizado da Vara da Infância e Juventude da comarca de Piracicaba e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social - SEMDES do município.

Neste artigo apresentamos um relato da experiência referente à nossa atuação como coordenadora e educadora no Programa Sócio Educativo Recanto da Esperança.

## 2. Objetivos

---

O objetivo do Programa Sócio Educativo Recanto da Esperança era acolher, proteger e desenvolver, através de ações educativas não-formais, crianças e adolescentes do sexo masculino entre dez e dezessete anos e onze meses, que se encontravam em situação de vulnerabilidade social de acordo com a Lei 8069/1990 ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

### 3. Desenvolvimento

---

Para uma melhor compreensão do relato consideramos necessária a caracterização do local em que ocorriam os trabalhos no Programa Sócio Educativo Recanto da Esperança. Situado em uma chácara de aproximadamente 4.000m as margens do rio Corumbataí, o espaço contava com um campo de futebol social, uma casa-sede, com sala para a equipe técnica, administração, almoxarifado, dois banheiros, armário para objetos pessoais, sala de TV e vídeo, biblioteca improvisada; um barracão de zinco com cozinha/refeitório, galpão para desenvolvimento das atividades, dois banheiros e uma pista de break dance, que no decorrer de três anos transformou-se em um espaço elaborado, planejado e artisticamente produzido pelos próprios adolescentes.

O Programa Sócio Educativo Recanto da Esperança, destinava-se a desenvolver ações voltadas a retirar crianças e adolescentes do sexo masculino, com idade entre dez anos e dezessete anos e onze meses, das ruas do município, através de medida sócio educativa, “referindo-se” as medidas de proteção citadas nos artigos 98 a 102 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Antes de iniciarmos o trabalho educativo com estes garotos, a permanência no espaço era obrigatória, principalmente dos adolescentes encaminhados por mandato judicial. Se isto não se efetivava, os adolescentes eram contidos e repreendidos através de ameaças e boletins de ocorrência. Se não compareciam ao Programa, eram retirados da rua pela equipe de ronda da Vara da Infância e Juventude e/ou pela abordagem de rua da Prefeitura Municipal de Piracicaba. Havia, inclusive, dois guardas municipais na portaria do Recanto da Esperança, o que nos incomodou literalmente logo que ali chegamos, pois era visível o despropósito: ao tratá-los como marginais, havia um “convite” para que eles se comportassem como se assim o fossem e foi justamente isso o que presenciamos. Assumindo os pressupostos de Paulo Freire, educação não combina com coerção, mas sim com liberdade. Desta forma era imprescindível e urgente a mudança de atitude em relação a estes garotos. O momento era oportuno para estas mudanças, pois a equipe de trabalho, nomeada pela SEMDES de equipe técnica, passava por uma reestruturação.

Aproveitamos este momento de mudanças para lançar reflexões sobre o papel do Recanto da Esperança e chegamos à conclusão de que apesar das cobranças do poder público no que se referia ao uso de drogas pelos garotos, o Recanto não era uma instituição clínica, responsável pela desintoxicação de garotos usuários de drogas. O desafio assumido era muito maior, trabalhava-se na perspectiva do diálogo, da conscientização, da redução de danos, buscava-se a formação. A proposta era de ações educativas e não assistencialistas, punitivas ou repressoras.

Diante de tantas questões, precisávamos estabelecer prioridades e chegamos a conclusão que o maior problema para o desenvolvimento dos trabalhos no Recanto da Esperança era a falta de coesão entre os profissionais. Provavelmente, cada um em sua atuação com os garotos oferecia o melhor de si, mas cada um sob uma ótica e concepção diferente, ou seja, era cada um por si, falava-se muito em construir um dialogo comum, mas ninguém se comunicava realmente. As reuniões de planejamento da equipe simplesmente inexisteriam e tudo se transformava em desculpa para não refletir sobre o trabalho realizado, não se achava dia, horário e quando finalmente nos reuníamos, a reunião tinha um caráter meramente informativo. Mesmo assim, com a partir do estabelecimento de reuniões periódicas, estas questões foram gradualmente sendo enfrentadas, foi sendo desenvolvida a formação da equipe, quebrando hierarquias existentes de modo que todos pudessem se sentir sujeitos na Instituição, responsáveis por um trabalho que buscava ser coeso e coerente, com objetivos claros, avaliados e revisados semanalmente pela própria equipe.

Neste processo percebemos a necessidade de mudanças e fomos aprimorando a prática educativa, tempos de apostar na escrita que vinha ocorrendo nas composições de músicas no Hip-Hop, e em outras aulas como as de artesanato, marcenaria, esportes. Com os meninos mais novos a forma de aproximação foi mais simples, ocorreu nos momentos de brincadeiras e conversas informais. Todos possuíam inúmeros

conhecimentos acumulados sobre leitura e escrita, poucos utilizavam a leitura e a escrita no cotidiano, o que nos fez refletir sobre o acompanhamento escolar que era realizado dos garotos e o quanto desta dificuldade em utilizar a leitura e a escrita no cotidiano era traduzida pela agressividade, demonstrada na escola, com companheiros e professoras, o que inevitavelmente os afastava ainda mais do âmbito escolar.

No trabalho da equipe, com o tempo e a consolidação das relações entre os diversos profissionais que atuavam no Recanto da Esperança, fomos inserindo mudanças, planejando o momento da reunião, buscando torná-la um espaço de reflexão. Aos poucos as mudanças tornaram-se visíveis, o Recanto foi se constituindo num espaço educativo que promovia através da ação conjunta de seus profissionais um intenso trabalho visando a recuperação da auto-estima, da dignidade, da participação das crianças e adolescentes que viveram o esgarçamento das relações sociais. Buscou-se a humanização, pois nas ruas estas crianças sempre foram tratadas como “coisas”, “lixo humano”. Diante desta situação buscamos refletir sobre nosso papel a partir da proposição de Freire:

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou essa aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. (FREIRE, 1997: 115)

Esta reflexão, baseada em Freire (1997) era compartilhada com a equipe e em uma das reuniões ao se questionar os princípios que guiariam a elaboração conjunta do projeto educativo recebemos a seguinte afirmativa:

A elaboração do Projeto Educativo terá como objetivo re-significar a nossa ação no Recanto da Esperança. Mais importante que falar a mesma língua, ou ter a mesma postura é compreender a finalidade da Instituição, reconhecer que só se pode transformar a realidade a partir do momento em que assumirmos a existente: o adolescente que está no Recanto da Esperança é o Nosso Adolescente, por ele e por nós, buscamos o clima ético de respeito mútuo que tem a ver com a construção da cidadania, tendo oportunidades de escolha, direito de ser ouvido, respeitado, a se expressar livremente, a não se limitar a aceitar ser tratado com igualdade mais sim com equidade, ou seja com direito a estar dignamente no mundo. (NEPEP, 2002, p. 02 mimeo)

A partir deste compromisso assumido pela equipe o resultado do trabalho pôde ser visualizado, inclusive a partir da ocupação do próprio espaço físico do Recanto, pois o espaço foi sendo construído com os garotos e não para os garotos, com grafite nos muros, salas pintadas por eles, construção de regras e diálogo. Neste processo o Recanto passou a ser respeitado pelos garotos, passou a significar para estes, identidade, autoria, e para nós que acreditamos na Educação Popular estas ações foram fundamentais, pois se tornaram, para os garotos, referência e prova do respeito que seria compartilhado a partir daquele momento.

#### **4. Resultados**

---

Além do processo de formação da equipe diariamente havia o trabalho com as crianças e adolescentes, estes eram convidados a participar de momentos coletivos ou em pequenos grupos que aconteciam em horários e locais diversos. Para aqueles que resistiam em participar destes momentos coletivos havia a abordagem individual, ou seja, o trabalho acontecia em todo e qualquer ambiente em que eles se encontravam. Este trabalho era iniciado sempre com a linguagem oral, o diálogo, as histórias de vida que aos poucos iam sendo sistematizadas na forma escrita, pois:

O acesso à língua escrita como bem cultural produzido pela humanidade está vinculado ao acesso a bens econômicos e sociais mais amplos. O analfabetismo, então, não é um fato natural, pois está distribuído desigualmente entre as classes sociais. Tal situação é agravada pela mediação feita pela instituição escolar. (MOLL, 1996:31)

Mesmo assim, buscávamos a continuidade e o retorno dos garotos aos estudos no Ensino Regular ou em cursos de Educação de Jovens e Adultos, pois nossa intenção não poderia ser a de substituir a Instituição Escolar, realizávamos o acompanhamento pedagógico visando incentivar a permanência dos garotos na Escola, buscando no sucesso escolar uma contribuição na inserção social e no estabelecimento de relações comunitárias em outros espaços.

Em diversos momentos nos vimos obrigadas a lidar com a concepção ingênua de educação, de muitos profissionais que atuavam com os garotos. Estes muitas vezes, consideravam que nosso trabalho deveria solucionar todos os conflitos, pois acreditavam que o ato educativo era capaz de apagar todas as contradições vividas por estes garotos anteriormente. Para refletir sobre estas questões buscou-se a elaboração da proposta coletiva de trabalho, um projeto educativo que não se restringisse as questões pedagógicas, que fizesse com que cada um assumisse a função de educar, através do envolvimento de todos os profissionais que atuavam no Recanto da Esperança.

## **5. Considerações Finais**

---

Estávamos neste processo de elaboração conjunta, reflexões, observação e comemoração dos primeiros resultados quando o trabalho realizado no Recanto da Esperança foi abruptamente interrompido. Como dissemos anteriormente o Recanto da Esperança, localizava-se às margens do rio Corumbataí, e foi invadido pelas águas em janeiro de 2005. Os profissionais foram “distribuídos” pelos demais projetos e aos poucos foram sendo demitidos. No ímpeto de conter a crise financeira do município, muitos programas dedicados à criança e ao adolescente foram descartados. Buscamos o diálogo, denunciemos, escrevendo aos jornais, mas mesmo assim, a proposta não foi retomada e o local não foi reaberto aos adolescentes em situação de vulnerabilidade social do município.

## **Referências Bibliográficas**

---

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra. Petrópolis RJ, 1997;

MOLL, Jacqueline. **Alfabetização Possível**: reinventando o ensinar e o aprender, Mediação, Porto Alegre, 1996.